

A ARTE DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O COVID ART MUSEU A LUZ DE THEODOR ADORNO

DIGITAL ART IN PANDEMIC TIMES: CONSIDERATIONS ABOUT COVID ART MUSEUM BASED ON THEODOR ADORNO

Bruna Donato Reche / IFC

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre as contribuições de Theodor Adorno, a partir de sua obra Teoria Estética, às manifestações digitais de arte durante a Pandemia pela Sars-Covid-2, iniciada no primeiro semestre de 2020 e que deu origem ao perfil na rede social *Instagram Covid Art Museu*, criado em 19 de março de 2020 com o objetivo de reunir trabalhos de artistas ao redor do planeta que expressem manifestações relativas ao momento vigente de reclusão social e crise nas instituições que mantêm saúde coletiva, bem como entre todas as outras instituições sociais. O artigo apresenta, entre outras explicações, o significado do conteúdo da verdade na ótica de Adorno e que a verdadeira estética da arte contida na obra Teoria Estética, ainda está para surgir, enquanto meio e produto de um mundo esclarecido, mas que é possível aferir os primeiros indícios sob forma de registros artísticos no primeiro museu virtual criado durante a Pandemia.

PALAVRAS-CHAVE

Covid Art Museum. Theodor Adorno. Arte Digital. Pandemia.

ABSTRACT

This article has as goal reflect the contributions of Theodor Adorno, from his work Theory of Aesthetics, to the digital manifestations of art during the Word Pandemic by Sars-Covid-2, which started in the first half of 2020 and which gave rise to the profile on the social network Instagram Covid Art Museum, created on March 19, 2020 with the aim of bringing together works by artists around the planet that express manifestations related to the current moment of social confinement and crisis in institutions that maintain collective health, as well as among all other social institutions. The article presents, among other explanations, the meaning of the content of truth from the perspective of Adorno and that the true aesthetics of art contained in the work Aesthetic Theory, has yet to emerge, as a medium and product of an enlightened world, but it is possible to assess the first evidence in the form of artistic records in the first virtual museum created during the Pandemic.

Keywords: Covid Art Museum. Theodor Adorno. Digital Art. World Pandemic.

Introdução

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de Pandemia global devido à doença infecciosa Sars-Covid-2 (Corona Vírus), cujo primeiro registro ocorreu na China em 15 de janeiro de 2020, causando 679.794 mortes ao redor do planeta até o início de agosto de 2020. A reclusão social foi adotada como medida de quarentena em todos os países que registraram casos de infecção e morte pelo Corona Vírus, o que afetou o funcionamento de todas as instituições sociais, bem como as artísticas que, por sua vez, potencializaram os espaços das redes sociais para promover a divulgação de suas diversas expressões, bem como de artistas renomados ou não, sob forma da arte produzida em domicílio.

Em 19 de março de 2020, por exemplo, um perfil na rede social *Instagram* foi criado sob a alcunha de Covid Art Museum - [@covidartmuseum](#) – autodenominado como o primeiro Museu de arte nascido durante a quarentena ocasionada pela Pandemia do Corona Vírus, por três publicitários de Barcelona. O objetivo da página está em divulgar o trabalho de artistas de todo mundo que estão pensando e manifestando compreensões artísticas relativas ao momento presente, de modo a evidenciar as relações sociais e os ambientes frequentados enquanto parte do isolamento social.

A página tem mais de 550 publicações de artistas ao redor do mundo e mais de 126 mil seguidores desde então e até início de agosto de 2020. Além disso, é possível utilizar a *hashtag* [#covidartmuseum](#) para submeter e vincular uma postagem de qualquer pessoa do mundo que se expresse no objetivo da exposição proposta pelo museu. São mais de 45 mil postagens vinculadas à *hashtag* por meio de vídeos digitais, vídeos filmados por celulares e editados de modo informal com dança, música, poesia e, sobretudo, fotografias enquanto obras construídas a partir da perspectiva da reclusão social e da saúde coletiva em virtude da Pandemia.

Com objetivo exploratório em apontar o nascimento do primeiro museu de arte digital em uma rede social como manifestação artística resultante da reclusão social provocada pela Pandemia e analítico em fundamentá-lo à perspectiva de arte contida na obra Teoria Estética de Theodor Adorno, este artigo visa refletir sobre as contribuições de Theodor Adorno, a partir de sua obra Teoria Estética, às manifestações digitais de arte durante a Pandemia pela Sars-Covid-2, especificamente o *Covid Art Museu*, página da rede social *Instagram*.

Apresentam-se duas fotografias, postadas por meio da *hashtag* supracitada, que exprimem o objetivo da página, como ilustração à pesquisa. Nota-se que as imagens destacadas denotam manifestações relativas às dificuldades em viver as novas condições sociais impostas pela Pandemia. A Figura 1 apresenta duas mulheres abraçadas, mas envoltas de plásticos que remetem à necessidade de não contaminação. A figura 2 evidencia manchas vermelhas sobre a máscara de proteção

respiratória num fundo claro, composto pelos tons da roupa e parede brancas, que remetem à violência.



Figura 1. Fotografia publicada pelo perfil Cherry Deck à hashtag #covidartmuseum, junho de 2020. Foto Digital.



Figura 2. Fotografia publicada pelo perfil Disparos Guedella à hashtag #covidartmuseum, junho de 2020. Fotografia Digital.

As fotografias foram escolhidas por remeterem à representações da realidade social global vivente, cujo pressuposto é fundamental à obra de arte na perspectiva de Theodor Adorno ao afirmar que a obra de arte contém elementos da realidade material em seu processo de nascimento, na dialética materialista a qual faz parte (ADORNO, 2018).

É interessante notar que a maioria das publicações, tanto da página, quanto às vinculadas à *hashtag* do *Covid Art Museu*, tais como os registros fotográficos apresentados anteriormente, evidenciam um trabalho artístico preocupado em manifestar a realidade conflituosa e, mesmo, violenta que tem se vivido nos últimos meses devido às infecções e mortes que somam mais de 679.794 mil mortes ao redor do planeta e 94.702 mil mortes no Brasil, até 04 de agosto de 2020.

É nessa perspectiva que Theodor Adorno pode contribuir a compreender a época vigente e as manifestações artísticas em virtude da Pandemia, do isolamento social, da mudança de funcionamento de todas as instituições sociais, políticas e econômicas do planeta e do número de mortes em ascensão diária. A obra *Teoria Estética* de Adorno é consubstancial à reflexão, pois apresenta a arte enquanto produto que é material e, por essa razão, implica o uso ou não de técnicas, em consequência da tecnologia imanente à época e intenções artísticas que exprimem posições políticas e sociais; e também espiritual, é um ente independente, um ser-em-si e um ser-para-si, desarticulada de finalidades humanas e do caráter utilitário, que exprime uma história e uma verdade própria.

Obra não finalizada por Adorno, foi publicada em 1970 em Frankfurt sob o título *Aesthetische Theorie*, um ano após a sua morte. A edição estudada é de 2018, traduzida para o português de Portugal por Artur Morão, professor de Filosofia da Universidade Católica de Portugal e publicada pela Editora70 de Lisboa. Trata-se de um texto crítico grafado por conceitos antinômicos e proposições antitéticas. Assim, renuncia a história da arte como consequência à história da humanidade, contrapõe pressupostos de Rousseau sobre o belo e sua relação com a natureza, Kant e Hegel em suas filosofias da arte e da estética, aponta os limites da teoria de Benjamin sobre a arte na era da reprodutibilidade técnica em relação à racionalidade estética. Ao constatar os anos de misticismo em relação à obra de arte, recorrendo à origem da aura do objeto artístico, denota a apropriação e permanência do fetiche pela burguesia na arte, preconizado em estéticas dos estilos, das formas e das técnicas, do virtuosismo e, por contradição, da alienação.

O pensamento analítico da Teoria Crítica transcreve-se pela tentativa de superar ou mesmo de eliminar a oposição entre consciência, espontaneidade e racionalidade quando se trata de pensar o indivíduo na sociedade capitalista contemporânea e suas relações nos processos de trabalho e na vida íntima: “[...]. O pensamento crítico contém um conceito do homem que contraria a si enquanto não ocorrer esta identidade”, uma vez que, nos modos pelos quais se desenvolve o capitalismo e seus desdobramentos na sociedade em suas instituições fundamentais, “[...] a *práxis* social [...] que dá forma ao modo de ser, é desumana, e essa desumanidade repercute sobre tudo o que ocorre na sociedade” (HORKHEIMER; ADORNO, 1991, p. 46).

A Teoria Crítica cunha-se como tal, “[...] pois, tributária de Kant e suas três críticas [...], de Hegel e sua crítica dialética [...] e de Marx e suas inúmeras críticas” (HORKHEIMER, 2015, p. XVI), tendo como instituição a escola de Frankfurt, cujo período histórico perpassou “[...] a Revolução bolchevique de 1917, a duas insurreições operárias na Alemanha [...] e os levantes operários na Polônia e outros países” (HORKHEIMER, 2015 p. XIV), tendo como fundamento teórico obras que apresentassem elementos críticos sobre a sociedade, tal como os de Lukács e Korsch.

Por pressuposto, a teoria crítica da primeira geração acreditava na transformação iminente da teoria na prática dialética, ao apregoarem-se na “[...] análise da racionalidade que habita o materialismo de Marx” (HORKHEIMER, 2015, p. XV), contudo, afastam-se do materialismo ortodoxo, pressuposto teórico à época, para eles, mecanicista, ao pressuporem-no como

[...] noção de progresso e que confunde progresso nos desenvolvimentos da ciência e da técnica com o desenvolvimento da humanidade enquanto tal, ocultando as regressões da sociedade, procedimento este que impossibilita compreender as periódicas recaídas na barbárie, como os fascismos, o stalinismo, frutos do mesmo impulso [...] que trata o homem como ‘o melhor capital’ (HORKHEIMER, 2015, p. XV/XVI – grifos do autor).

Para Horkheimer (2015), a doutrina de Marx e Engels permanece como imprescindível para o entendimento da dinâmica social, ainda que não suficiente para explicar o desenvolvimento interno e as relações externas das nações tal como se dispuseram a partir da internacionalização das relações de trabalho que fortaleceram o capitalismo no início do século XX, dentre outros ciclos transformados pelo sistema à contemporaneidade.

A sociedade capitalista apresentava aspectos que, na transição do século, tornaram-se mais evidentes, tal como as contribuições teóricas dos autores, sobretudo no que tange à situação do trabalhador, sujeito comum, na sociedade capitalista que “[...] à época do liberalismo as concepções morais e políticas dos indivíduos puderam ser reduzidas de sua situação econômica” (HORKHEIMER; ADORNO, 1991 p. 64), não obstante os modos de organização das relações mudem constantemente, assim o fazem como resultado direto do desenvolvimento econômico que “[...] não atinge somente alguns ramos da cultura, mas o sentido de sua dependência da economia. Com isso atinge também o conceito da concepção global” (HORKHEIMER; ADORNO, 1991, p. 65). O sujeito inserido no capitalismo contemporâneo, portanto, “[...] deixou de ter um pensamento próprio. O conteúdo da crença das massas, no qual ninguém acredita muito é o produto direto da burocracia que domina a economia e o Estado”. O sujeito torna-se indivíduo aos moldes da racionalidade industrial, maquiados pela indústria cultural.

Diante disso, explicar os fenômenos sociais pelos quais tangem a sociedade neoliberal, para os autores, pode beirar aos extremos. O que os autores almejam com a Teoria Crítica é uma perspectiva de sociedade sem exploração nem opressão dos meios de produção material. Ao revisitarem as categorias marxistas, visam a humanidade autoconsciente que transcenda aos indivíduos modernos, produtos da escassez tecnológica capitalista e suas relações aos moldes da esteira de produção.

CONTRIBUIÇÕES DE ADORNO A PENSAR A OBRA DE ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Em seu entendimento sobre história da arte, portanto, a história da humanidade aparece e engendra-se com ela como consequência das forças produtivas materiais. A arte é, “[...] ao mesmo tempo processo e instante” (ADORNO, 2018 p. 157) e, sendo assim, a verdadeira obra de arte, para Adorno, possui partes enquanto centros de forças que tendem para o todo, compondo um todo dual, antagônico da realidade material e da possibilidade de ser. Enquanto elemento distinto da realidade empírica, a arte está entre a autonomia, um eterno devir, “[...] a sua unidade é momento e não a fórmula mágica do todo” (ADORNO, 2018 p. 268) e fato social, uma necessidade social manifesta, mediante “[...] o modo da sua produção, em que se concentra a dialética das forças produtivas, das relações de produção, [e] pela origem social do seu conteúdo temático” (ADORNO, 2018 p. 340 – destaque da pesquisadora).

No entanto, na sociedade administrada, ser um fato social é ser para-outra-coisa – mercadoria – tendo nas instituições burguesas – tal como a indústria cultural –, precipuamente, meios de concessão. É assim que se estabelece a relação funcional com a obra, com fins a serem desvendados pelo espectador que, “[...] faz um contrato com a obra de arte, para que ela se exprima” (ADORNO, 2018, p. 401). Por outro lado, no entendimento de que a força produtiva pura é contrária à força produtiva acorrentada, “[...] A arte só se mantém em vida através da sua força de resistência; senão se reifica, torna-se mercadoria” (ADORNO, 2018, p.341). Deste ponto, a nova obra de arte, enquanto fato social, “[...] Torna-se antes social através da posição antagonista que adota perante a sociedade e [...] critica a sociedade pela sua simples existência [...] é a negação determinada da sociedade determinada” (ADORNO, 2018, p. 340) e, por isso, utiliza-se dos aspectos de violência, do feio, do bruto, do escuro e da ausência de forma, como elementos recolhidos do mundo material a lhe compor, enquanto obra, resultado do processo dialético de significação do contexto social, no rompimento com a ordem, forma, técnica e com a herança estética vinculada à arte enquanto história, expressão da contradição do mundo administrado, no movimento da autonomia. Ao contrário, “[...] Quanto mais o trabalho social contido na obra de arte se objetiva e plenamente se organiza, tanto mais ela soa a oco e se torna estranha a si mesma” (ADORNO, 2018, p. 157). O produto da imaginação suscitado pela obra, portanto, pode ser imaginado na imprecisão.

A priori, Adorno (2018) critica o modo como a Estética, campo filosófico que argumenta sobre princípios e valores sociais, por meio das inovações e aprimoramentos técnicos do campo produtivo, aderidos à arte, se desenvolveu ao longo dos anos atrelados à história da arte, e também à história dos valores aristocráticos e depois burgueses, enquanto evolução dos princípios de materiais,

forma e procedimentos – “[...]. A definir a arte apenas se atreveram de modo simples os sistemas filosóficos disponíveis, que reservaram um nicho para todos os fenômenos” (ADORNO, 2018, p. 271). Sempre tendo como premissa o movimento histórico-dialético da obra de arte, ao longo do texto, o autor aponta a importância da obra, enquanto artefato, ao movimento dialético de criação de uma linguagem e mundo próprio artístico.

Somente quando a arte reflete o tolhimento social do contexto que lhe gera, por meio da violência, do bruto, do feio e do abstrato, como exemplos citados por Adorno (2018), ela torna-se um ser-em-si. Nas palavras do autor, ao reverberar os constrangimentos sociais que está implicada, e por isso, “[...] libertando assim o horizonte da reconciliação, ela é espiritualizada; mas esta pressupõe a separação do trabalho manual e do trabalho intelectual. Só pela espiritualização, não mediante o seu caráter natural petrificado, rompem as obras de arte a rede da dominação da natureza e a esta se conformam” (p. 416). Portanto, se “[...]. Se for absolutizada, a análise imanente [da obra de arte] torna-se presa da ideologia contra a qual ela [a obra] lutava” (ADORNO, 2018, p. 273).

O feio na arte, para Adorno (2018), denuncia o mundo que o cria e se reproduz à sua imagem, enquanto expressão estética irreconciliável à subjetividade que é facilmente envolvida pela dominação do belo. Como consequência, perpetua a dominação humana sobre a natureza e demais homens, como força de sedução. O feio, portanto, além de refletir o mundo administrado, que é a metamorfose do capitalismo fundamentado na racionalidade tecnológica e na Indústria Cultural (ADORNO, 2009), reflete a posição do oprimido e permite-lhe o esclarecimento:

Na medida em que a arte, mediante as suas formas autônomas, denuncia a dominação, mesmo a que está sublimada em princípio espiritual, e dá testemunho do que tal dominação reprime e nega. [...] Poderosos valores estéticos são libertos pelo socialmente feio: a tristeza inimaginável. [...] O veredicto estético do feio apoia-se na tendência psicológico-social verificada para equiparar o feio à expressão do sofrimento. (ADORNO, 2018, p. 82)

A arte é “[...] objetivamente *práxis* enquanto formação da consciência; ela, porém, só se torna tal ao não impor nada” (ADORNO, 2018, p. 366). Decorrente disso que a beleza, a sutileza, a identificação sublime com a obra de arte que suscita os valores nobres e incorruptíveis do indivíduo burguês conduz à alienação.

Para uma estética não subjugada ao mundo administrado, é preciso erigir-se com vistas à libertação de conceitos racionalizados, com vistas à libertação do próprio homem, de suas potencialidades, que tem também vistas à onilateralidade do mundo: “[...]. A interação do universal e do particular, que se produz

inconscientemente nas obras de arte e que a estética tem de elevar à consciência, é a verdadeira necessidade de uma concepção dialética de arte” (ADORNO, 2018, p. 274).

Obra é o que diferencia de artefato por despertar emoções subjetivas. Esteve sempre atrelada à aura, ao objeto de culto, ao impulso mimético dos valores aristocráticos, ao idealismo sociocultural e, cuja estética tradicional, ocupou-se de contar a história diante de seus preceitos virtuosos. A obra sempre esteve atrelada e isso pressupõe sua privação de liberdade.

Arte é o clamor da onipotência enquanto manifestação humana. Tem linguagem própria, que é inteligível ao mundo sempre administrado, é a fagulha da humanidade. Portanto não é decifrável aos olhos da alienação e nem pretende ser. A arte indecifrável não é utilitária, mas um convite atrativo ao ser humano conectar-se com suas potencialidades e transformar o mundo também em onipotente, que é diferente de barbárico e todas as violências que tolhem o ser humano em sua essência.

O conteúdo da verdade da obra de arte, mencionada constantemente por Adorno, é o próprio movimento dialético que a obra propõe em antítese ao mundo real e por esse motivo, é também histórica que, por sua vez, difere-se da história da arte enredada pelos valores aristocráticos/burgueses incumbidos pela estética tradicional.

Acredita-se que, das diversas possibilidades de pensar a arte apresentada pela página *Covid Art Museu* da rede social *Instagram*, Adorno torna-se fundamental quando no aprofundamento sobre a retratação da realidade, à maneira artística, experienciada durante a Pandemia.

A página, que visa ser um Museu Digital sobre a temática, reúne artistas e pessoas intencionadas à estar com a obra de arte no período de um futuro incerto que, dentro das regras usuais do capitalismo contemporâneo já assim o era, mas que se agravou com uma doença que ainda não há meios de combate e os de prevenção tem sido praticados com menos rigorosidade quanto se devia.

A arte, em todas as épocas, é expressão material do homem na sua relação com o mundo e, no momento presente, tem sido fundamental, sobretudo pelas disseminadas pelas redes sociais, cujo acesso foi aumentado durante a reclusão social. Assim também se faz presente Adorno, evidenciado que sua teoria estética está em vigência de modo latente nesse período.

Considerações finais

O ano de 2020 tem sido perpassado por diversas questões políticas e econômicas bastante incertas, sobretudo com o avanço da doença infecciosa do Corona Vírus, que colocou em pauta de discussão de todos os países a questão da

saúde coletiva. Nesse tempo de Pandemia, a reclusão social foi medida adotada por todos os países cujos casos de infecção e morte foram registrados desde fevereiro de 2020, assim, o funcionamento das instituições sofreu alterações, bem como das instituições artísticas.

Nesse sentido, em março de 2020, foi criado o perfil intitulado *Covid Art Museum* - [@covidartmuseum](https://www.instagram.com/covidartmuseum) – na rede social Instagram, autodenominado como o primeiro Museu de arte nascido durante a quarentena do Corona Vírus, com o intuito de divulgar o trabalho de artistas de todo mundo que estão pensando e manifestando compreensões artísticas relativas ao momento presente de Pandemia, de modo a evidenciar, também, as relações sociais e os ambientes frequentados enquanto parte do isolamento social.

Ao compreender que o autor Theodor Adorno pode contribuir com reflexões teóricas decorrentes das manifestações registradas na página e vinculadas à *hashtag #covidartmuseum*, algumas considerações são fundamentais. No que tange especificamente sobre arte e estética, para Adorno, a obra é um ser-para-si e não ser-para-outro, isso significa compreender que a relação humana com a obra e, mesmo, a tentativa de subjugação de um para outro é irrelevante, pois se a obra, de um lado, é manifestação e expressão natural humana, de outro, está imbuída dos valores aristocráticos e burgueses, construída, paulatinamente, sob a forma da estética tradicional. Se a arte acrescenta ao esclarecimento humano em face da opressão da sociedade administrada, sobretudo, com o apogeu e disseminação dos produtos da indústria cultural, Adorno aponta que isso ocorra por meio das características que remetam a esse mundo material, tal como a violência, o feio e o bruto. Para isso, é preciso desconstruir toda a história da arte vinculada à história da humanidade fundamentada nas discussões filosóficas estéticas imbuídas dos valores de pureza, nobreza e virtude que são próprios da arte greco-romana, mas que não significam o mundo administrado.

Somente nessa perspectiva, Teoria Estética, leva a refletir que a arte poderá contribuir ao esclarecimento de modo, inclusive, a construir uma verdadeira estética à arte, mais relacionada ao mundo virtual que a arte constrói, inteligível às palavras e às sensações humanas, que é diferente da estética tradicional fundamentada nos valores perpetuados pela aristocracia e burguesia, enquanto estratos e classes detentoras dos meios da infraestrutura social e, por sua vez, das relações unilaterais e de escassez.

A verdadeira estética da arte em Teoria Estética, portanto, ainda está para surgir, enquanto meio e produto de um mundo esclarecido e talvez seus primeiros indícios estejam postados sob forma de registros artísticos no primeiro museu virtual criado durante a Pandemia.

Referências

ADORNO, Theodor. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

_____. **Teoria Estética**. Lisboa: Editora 70, 2012.

HORKHEIMER, Max. **Teoria Crítica**: uma documentação. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. Teoria Cultural e Teoria Crítica. In: _____; _____ (Orgs.). **Textos Escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Nome do Primeiro Autor

Pedagoga e Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Londrina, doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina. É docente efetiva do Instituto Federal Catarinense. Contato: bruna.reche@hotmail.com.